

* Trabalho realizado sob a Orientação do Prof. Dr. Luiz Edmundo Bouças Coutinho - UFRJ e Coorientação do Prof. Dr. José Luiz Foureaux Júnior - UFOP, e dedicado ao Prof. Manoel Neto (UNEB) pelo estímulo na escolha do objeto de pesquisa do Curso de Mestrado.

** Especialista em Literatura Brasileira pela PUC-MG; Mestranda do Curso de Ciência da Literatura da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

ALITERATURA NO PROJETO JORNALÍSTICO DE OS SERTÕES*

Vivianne Milward de Azevedo**

RESUMO

O presente artigo toma como base de análise a obra *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, apresentando a mudança do 'projeto' de escrita do autor, que utiliza sua experiência jornalística num espaço literário. Perceberemos a busca pela arte, que se tornou exercício na realização desta obra, na qual o narrador se apresenta como observador do espetáculo, revelando de maneira singular, algo entre o sentido e o indizível. Assim, *Os Sertões* consegue se apresentar como uma bem construída peça teatral, envolvendo os leitores num constante movimento de cenas, atos, drama e tragédia. Em suma, é um convite à leitura da poesia oculta pela aridez temática.

(...)- Quem é esse defunto
que descansa em plena guerra?(...)
Que homem é esse de paz
que sabe que guerra é guerra? (CACASO: 2000)

(...) Escrever somente começa quando escrever é abordar aquele ponto em que nada se revela, em que, no seio da dissimulação, falar ainda não é mais do que a sua imagem, linguagem imaginária e linguagem do imaginário, aquela que ninguém fala, murmúrio do incessante e do interminável a que é preciso impor silêncio, se se quiser, enfim, que se faça ouvir. (BLANCHOT: 1987, 42)

Há uma tradição.
Cujo sentido é preciso compreender.

Cujo sentido é preciso manter. (SAINTE-BEUVE: 1874)

Tenho medo de escrever. É tão perigoso. (...) Perigo de mexer no que está oculto (...) Para escrever tenho que me colocar no vazio. Neste vazio é que existo intuitivamente. (LISPECTOR: 1978)

O projeto inicial de Euclides da Cunha, a nosso ver, era o de construir um texto jornalístico, capaz de superar a distância geográfica entre o litoral e o sertão baiano; o que realizou com a habilidade permitida por sua condição de jornalista de O Estado de São Paulo. Transformando seus relatos jornalísticos no livro *Os Sertões*, Euclides enveredou por um caminho bem diferente. Talvez a própria necessidade de compreender o evento Canudos o tenha levado à construção dessa obra. O que ele provavelmente não sabia é que sua construção textual se transformaria numa busca pela arte, na qual a escrita é, ao mesmo, tempo exercício de escuta e fala, tornando-se compreensível para o autor/leitor, numa procura incessante de respostas advindas de sua experiência no sertão baiano. O autor profere a obra, ao mesmo tempo em que a põe num limite, delimitando-a num espaço mais livre do que o do texto jornalístico, caracterizado por uma finalização visível e premeditada. Já a obra, por sua vez, será um objeto utópico, e sua não realização ao invés de afastar, atrairá cada vez mais o autor, que a quer concluída, sem perceber que isso lhe foge à vontade. Assim, ao transformar as notas jornalísticas em livro, Euclides avança num território novo, um espaço a se revelar, o espaço literário. (BLANCHOT: 1987) Evidenciamos que ao enveredar nesse novo território, continuará recorrendo às suas habilidades de relator jornalístico, mas utilizará mecanismos ficcionais da escrita literária.

Lendo e relendo o texto de *Os Sertões*, deparamo-nos com a excelência de uma bem montada peça teatral. Isso mesmo! Euclides constrói, cuidadosamente, uma peça teatral, na qual vivenciamos três momentos distintos: a preparação do cenário, a apresentação dos personagens e, finalizando, a ação em si. A

teatralização do conflito apresenta personagens fantásticos, no limite entre o real e o irreal, expondo a face oculta da tragédia. Desse modo, Euclides se torna, para nós, o observador de um espetáculo, revelando através da linguagem algo entre o sentido e o indizível, que se mostra através do teatro em movimento com suas cenas, atos, drama e tragédia.

O cenário nos é apresentado em *A Terra*, familiarizando-nos com a aridez da paisagem, como se esse conhecimento antecipado nos explicasse algo que está por vir. Prepara-nos o espírito, capacitando-nos compreender e, de certa forma, sentir de modo tátil, os efeitos do imenso silêncio sertanejo. A terra se mostra agressiva e agredida, como se o drama começasse na paisagem e de modo cíclico terminasse nela. Não percebemos mais a presença do conhecedor da geologia, mas um locutor que se impressiona com o martírio da terra estorricada:

(...) dispendo-se em cenários em que ressalta, predominantemente, o aspecto atormentado das paisagens. (...) a impressão dolorosa que nos domina ao atravessarmos aquele ignoto trecho do sertão - quase um deserto(...) (CUNHA: 1998, 27 e 31)

A cena que surpreende é descrita de forma viva. Não há matéria inanimada, o escritor oculta o geólogo, deixando vir à tona o poeta, dando mobilidade ao descrito, transformando em vida o que poderia ser morte. Monta-se, assim, um jogo para os espectadores. Ninguém consegue passar pela Terra de maneira inócua, há de se carregar um pouco do tormento deste cenário, que se apresenta personagem. Dependerá, também, dele o desenrolar dos fatos. A vítima dos "climas excessivos" parece estar num estado de espera, como a se "preparar para a vida". As forças vivas da natureza carregam um ritmo de surpresas, criando uma poética dos objetos descritos, em que os elementos estáticos dramatizam, fazendo de cada descoberta uma cena teatral. O sertão nos surpreende a cada instante, como um mar tormentoso, do qual não há como escapar das turbulentas

ondas de expectativas. A seca, o calor, o frio noturno, ou mesmo a ressurreição da terra são expostos como uma sucessão de inesperados desenlaces teatrais.

Na segunda parte desta peça teatral, presencia-se um narrador confuso diante das teorias da evolução humana, em voga na época; talvez por isso Euclides se deixe levar pela descrição e pela narrativa literária ficando, segundo Zilly (1993), liberado da "coerência científica":

Sabe-se que o historiador e pensador social Euclides da Cunha se envolveu em numerosas contradições no que se refere ao destino das raças na sua contribuição para a construção da nação brasileira. Várias vezes abandona o raciocínio sociológico e antropológico que, de acordo como pensamento homogêneo da Europa no século passado, era racista.(...) O escritor ficcional abre mão do autocontrole ideológico e cria um espaço para a observação e imaginação sem mediação teórica e sem preconceitos. (ZILLY: 1993, 46)

O narrador não fica insensível à cena que descreve, envolto pela emoção estética (CANDIDO: 1981) não consegue descrever de modo realista a paisagem que observa, seu relato se apresenta pleno de sonoridade poética. Essa poeticidade, presenciada na obra, nos obriga a fugir de uma leitura sentimental, pois precisamos buscar o distanciamento necessário para não nos envolvermos nesse teatro:

À luz crua dos dias sertanejos aqueles cerros aspérrimos rebrilham, estonteadoramente - ofuscantes, num irradiar ardentíssimo... (...)E por mais inexperto que seja o observador (...) tem a impressão persistente de calcar o fundo recém-subelevado de um mar extinto(...) (CUNHA: 1997, 27-28)

A descrição da paisagem do sertão traz algo entre o assustador e o sublime, em que a apresentação da flora sertaneja mostra a luta da natureza pela

manutenção da vida. O narrador nos informa sobre a vegetação como se estivesse pintando uma tela, onde o verde e o vermelho do deselegante e monstruoso cabeça-de-frade (p.54) dão um exemplo do paradoxo vida e morte no sertão. A chegada das chuvas surpreende o visitante, este, "pasmado, não vê mais o deserto" (p.55), a "flora tropical" (p.57) ressurgem numa "apoteose" (p.56). E o sertão vira um "paraíso" (p.58) até que os benefícios das chuvas desapareçam num imperceptível "ritmo maldito" (p.59), desenhando, novamente, a dura paisagem árida do sertão. Ao compreender essa constante contradição climática, o narrador percebe a luta e a vitória de algumas espécies vegetais que conseguem se sobrepor às diversidades climáticas: "E vivem. Vivem é o termo - porque há, no fato, um traço superior à passividade da evolução vegetativa..." (p.53). Em virtude disso, o martírio do homem sertanejo, com toda a sua dura beleza, é descrito de maneira poética, soando-nos como música. O narrador não pode esconder os efeitos emotivos que a visão da luta do homem do sertão pela sobrevivência lhe causa. Não é possível realizar uma leitura superficial da torturante vida sertaneja, o leitor, por mais frio e distante que se apresente, o leitor será sensibilizado pelo ritmo sonoro desta aparição. São imagens fortes, visual, sonora e emotivamente: "O martírio do homem, ali, é o reflexo de tortura maior, mais ampla, abrangendo a economia geral da vida. Nasce do martírio da terra..." (p.73).

A sensibilidade do narrador-observador é evidenciada quando ele se depara com a morte humana, até então só pressentida pela agressividade da paisagem, pela supremacia do sol escaldante. A fragilidade da vida humana se mostra frente a frente ao narrador, que consegue transformá-la num relato rico e emocionante: o que poderia ser exposto com horror se transforma numa descrição poética. Talvez essa passagem de *Os Sertões* seja um dos melhores exemplos das maravilhosas construções ficcionais utilizadas por Euclides da Cunha. A descrição inicia-se com a suposta presença de um soldado descansando à sombra de uma "quixabeira". Descobrimos a colocação, intencional, de uma pausa, recorrendo ao uso de reticências após a palavra "descansava"; esse procedimento

vai criar, segundo Antoine Seel, um "silêncio literário", representando uma abertura que leva o leitor a confrontar-se com a falta de limites, com a exposição da imaginação. O texto se mostra como um poema-pintura. Esta pausa, na qual o tempo faz sentir seu peso e beleza, nos prepara para a quebra da expectativa gerada, pois a seguir seremos surpreendidos com a figura de um soldado morto há três meses. Preparamo-nos, então, para os horrores da decomposição de um cadáver, entretanto nos deliciamos com pura poesia. Observemos o trecho mencionado:

O sol poente desatava, longa, a sua sombra pelo chão e protegido por ela - braços largamente abertos, face volvida para os céus - um soldado descansava.

Descansava... havia três meses.

(...)

Morrera no assalto de 18 de julho.

(...)

O destino que o removera do lar desprotegido fizera-lhe afinal uma concessão: livrara-o da promiscuidade lúgubre de um fosso repugnante; (...)(CUNHA: 1997, 40-41)

Em face da riqueza descritiva desta cena, não presenciamos mais a habitual utilização de recursos ficcionais do jornalista Euclides da Cunha. Visualizamos um literato, lançando mão de construções ficcionais, mantendo um projeto estético em sua obra. A seqüência do trecho visto acima, evidencia nossa constatação:

E estava intacto. Murchara apenas. Mumificara conservando os traços fisionômicos, de modo a incutir a ilusão exata de um lutador cansado,

retemperando-se em tranqüilo sono, à sombra daquela árvore benfazeja. Nem um verme - o mais vulgar dos trágicos analistas da matéria - lhe maculara os tecidos. Volvia ao turbilhão da vida sem decomposição repugnante, numa exaustão imperceptível. Era um aparelho revelando-se de modo absoluto, mas sugestivo, a secura extrema dos ares. (CUNHA: 1997, 41)

Como já afirmamos anteriormente, nas descrições não há elementos inanimados, em tudo há a ocorrência da vida. O narrador consegue perceber a pulsação da vida, mesmo perante um corpo inerte, apresentando a fusão da surpresa com a ruptura da surpresa. O soldado está morto, mas o observador vê vida à sua volta. De vítima, o nosso personagem passa a premiado pelo destino, que lhe poupa do enterro numa rasa cova aglomerada de corpos, premiando-o com a possibilidade de se tornar, também, um espectador da beleza natural do cenário descrito. A riqueza estilística das lacunas de silêncio, das rupturas de expectativas e das pausas, geradoras de surpresas, "conferem uma dimensão cósmica ao texto". (SEEL:1997) A escrita é confrontada com sua própria impossibilidade, não podendo mais descrever ou narrar, mas simplesmente sugerir: "Há três meses - braços largamente abertos, rosto voltado para os céus, para os sóis ardentes, para os luars claros, para as estrelas fulgurantes (...)". (p. 41)

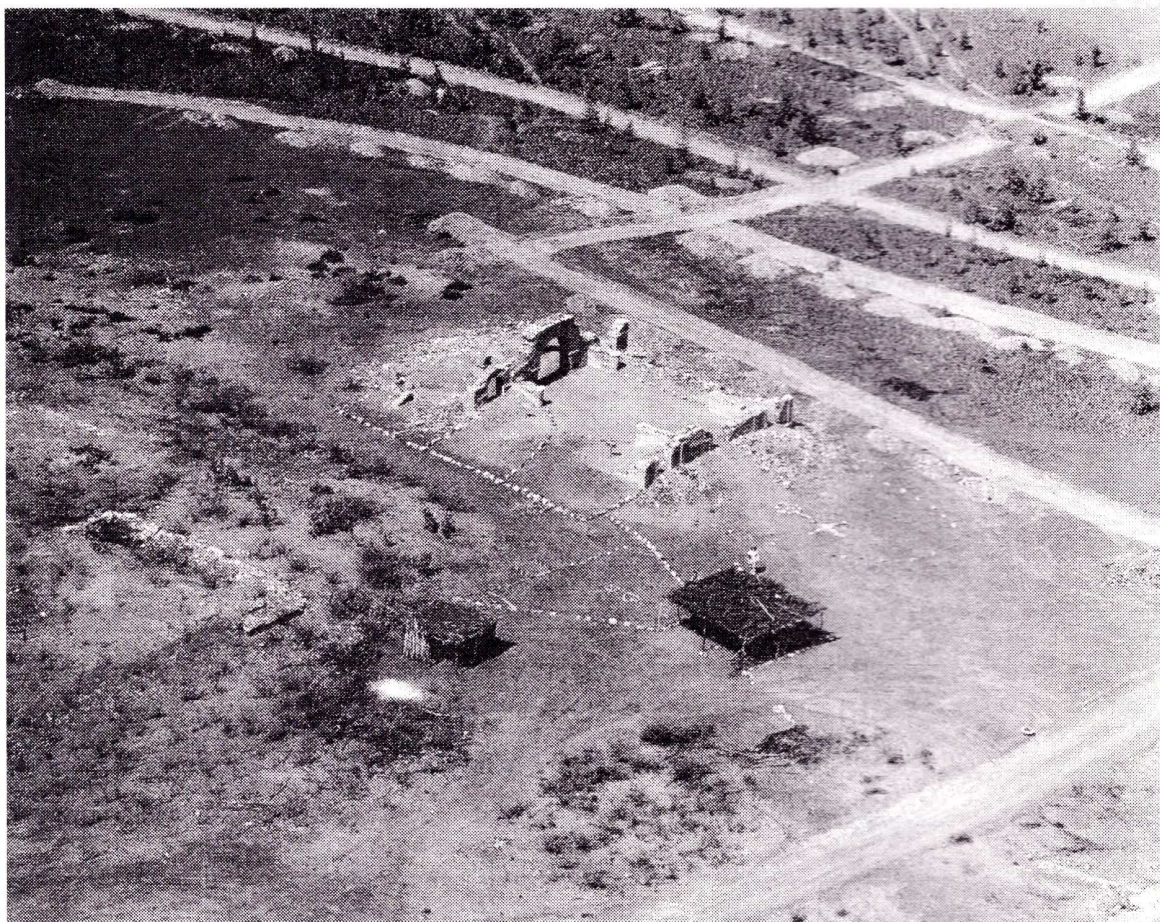
O narrador nos leva à vertigem diante do infinito e do sentimento indizível perante a presença concreta e não compreendida da morte. Há uma percepção do sagrado, como se o olhar do soldado morto nos revelasse bem mais do que somos capazes de entender. Talvez, por estar atormentado pela imagem da morte, o narrador a apresente de modo tão fascinante, mas que ao mesmo tempo se mostra repugnante perante a incapacidade humana de vencê-la. O narrador se mostra um espectador desse teatro móvel. Assim, como espectador, assistirá às cenas e atos dessa peça viva, utilizando as palavras cenas, atos, drama, tragédia, ao pé da letra, para descrever e narrar a dramatização, da qual participa como espectador e ator. E ao percebermos o confronto entre o observador e o encenador, descobrimos

alguém que se emociona e denuncia. Em decorrência dessa dupla existência surge um texto que "vibra com a paixão do espectador e do ator"(SELL: 1997).

Dessa forma, concluímos a primeira parte de nossa leitura, considerando Euclides da Cunha o poeta do conflito. Seja o conflito do pensador, do homem da ciência, do observador, do teatrólogo, ou do ator, mas, principalmente, o conflito do escritor no momento da construção da obra, resultando esta numa rica construção literária, na qual a linguagem transforma as descrições e narrações em cenas, como se das páginas do livro brotassem quadros com cores fortes. Pena que para muitos a leitura de Os Sertões seja encarada como uma longa e cansativa empreitada, ao invés de ser tratado como uma viagem, na qual pode-se fazer descobertas incríveis, acompanhada por poesia, música e encenação.

Bibliografia

- BLANCHOT, Maurice. *O espaço literário*. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.
- CACASO, Velório do Conselheiro (Bumba-meu-santo). *Inimigo Rumor*, Rio de Janeiro: 7 Letras, nº 8, p. 05-19, maio, 2000.
- CANDIDO, Antônio. *Formação da Literatura Brasileira*. 6ª ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981, 2v.
- CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. Campanha de Canudos. Edição crítica de Walnice Galvão. São Paulo: Ática, 1998
- _____. *Os Sertões*. Campanha de Canudos. 38ª ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1997.
- LISPECTOR, Clarice. *Um sopro de vida*. São Paulo: Círculo do Livro, 1978.
- SAINTE-BEUVE. *Qu'est-ce qu'un classique?* (1850). *Causeries du lundi*. Paris: Garnier, 1874-1876. T. XV. 15v.
- SEEL, Antoine. "Reflexos da literatura francesa em Os Sertões". Trad. SILVA, Manoel Roberto Fernandes da. *Gazeta do Rio Pardo*. Suplemento Euclidiano. 09 de ag. De 1997. p. 02.
- ZILLY, Berthold. "A Guerra de Canudos e o imaginário da sociedade sertaneja em Os Sertões, de Euclides da Cunha. Da Crônica à ficção". In: CHIAPPINI, Ligia & AGUIAR, Flávio Wolf de, *Literatura e História na América Latina*. Seminário Internacional, 9 a 13 de setembro de 1991. São Paulo: USP, 1993. Cap. 2. . 37-47.
- _____. "A reinvenção do Brasil a partir dos sertões. Como Canudos é a quintessência do sertão, e o sertão a quintessência do país, o livro de Euclides da Cunha "é" o país, ele reinventa o Brasil, contribuindo para a idéia que a nação tem de si mesma". *Humboldt*, nº 80, ano: 2000. p. 44-51.



Igreja de Santo Antônio da 2ª Canudos, concluída em 1939, ressurgiu das águas do Açude Cocorobó.

FOTO: NILTON SOUZA
FONTE: ARQUIVO DO CEEC/UNEB

* C
ro m a
Expedi
pela V
c o m e
center
edição
Euclide
2002.

** C
ensaio
Moreira
e Car
Bahia
Vagal
saga g
Chama